



O Senhor Cardeal e Prelados ao entrarem na sala passam sobre as capas dos estudantes

FINDOU MAGNIFICAMENTE ESTE CONGRESSO

QUE PODE CONSIDERAR-SE

um acontecimento histórico na vida nacional

— declarou o Senhor Cardeal Patriarca na sessão de encerramento

Na sessão de encerramento do Congresso da J. U. C. o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa pronunciou um notável discurso que é bem o comentário digno e oportuno deste magnífico certame. Arquivalamos a seguir as palavras do Eminentíssimo Purpurado que constituem solene afirmação de fé e de esperança nos destinos da Universidade em Portugal.

Findou magnificamente este Congresso. Encerra-se gloriosamente. Pode considerar-se um acontecimento histórico na vida nacional.

Há mais estrelas no Céu, desde que ele se abriu. Há mais estrelas no Céu, pelos horizontes, que vos ganhamos, de esperança. Benditos sejam os que trouxeram esta alegria à terra cristã portuguesa. Reuniram-se aqui, nestes dias, professores e alunos, tratando-se de problemas universitários à luz dos princípios cristãos.

E esta reunião é já um prenúncio dessa Universidade nova, de que tanto se falou nesta corporação de professores e alunos durante este Congresso; todos nós nos felicitamos com isso.

Foi notada neste Congresso a ausência, na instituição universitária, d'Aquela que tem a palavra da vida eterna. E por isso se reconheceu que a luz saída da Universidade beneficia a fé cristã, beneficia a ciência, beneficia a cultura, mas por virtude dela não beneficia aquilo que importa ao homem dela conhecer para ser homem.

Muitas perguntas são postas à inteligência e aos corações humanos, mas só uma é necessária: o que somos, de onde vimos, para onde vamos.

Todo o sentido da nossa vida depende da resposta a estas perguntas, e a nossa Universidade não a sabe dar.

Atravessamos um momento único da História do Mundo. Foram pronunciadas na nossa vida as grandes blasfêmias: Deus morreu, a Igreja é a prisão do espírito e dos corações humanos; Deus morreu!

Mas em toda a parte, onde Ele morreu, morreu o homem, e em vez d'Ele

Segue na 5.ª pág., 1.ª col.

Terminaram, ontem, domingo, os trabalhos do I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, que decorreram sempre em ambiente de alta espiritualidade e cujas conclusões, que publicamos na íntegra, constituem magnífico contributo para equacionar problemas importantíssimos e instantes da instrução e educação universitárias em Portugal. De registar, também, o entusiasmo com

que os congressistas aclamaram as conclusões e os votos finais do Congresso, pelos quais se verifica que os universitários católicos sabem o que querem e conhecem, perfeitamente, o caminho a seguir.

Missa de Pontifical na Sé

Às 9 horas, celebrou-se, na Sé de Lisboa, missa de Pontifical, com a

«Esta reunião é já um prenúncio dessa Universidade Nova de que tanto se falou nesta corporação de professores e alunos».

presença de Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, que foi recebido pelos dirigentes do Congresso, pelo Cabido e Irmandade.

Depois de se paramentar, no seu camarim, e orar, durante alguns minutos, na capela do Santíssimo, Sua Eminência dirigiu-se à capela-mor, a fim de ocupar o trono e assistir à cerimónia.

Já ali se encontravam os Senhores Arcebispo-Bispo de Coimbra e Bispos do Porto e de Friburgo.

Celebrou o rev. cônego Amaro Teixeira, vice-reitor do Seminário dos Olivais, tendo como presbítero assistente o cônego Figueiredo Sarmento; diácono e subdiácono de missa, dois seminaristas; ao sólio, os revs. cônegos D. João de Castro (Nova Goa) e Correia de Sá (Assaca); ao báculo, o beneficiário José Maria.

Entre a assistência, que tinha por completo o vasto templo, viam-se inúmeros professores catedráticos.

Ao ofertório solene, que foi feito pelos presidentes da J. U. C., masculina e feminina, e por outros dirigentes, o Senhor Cardeal Patriarca proferiu algumas palavras sobre o significado daquela cerimónia, começando por dizer:

Vou receber o vosso ofertório. É a expressão da vossa participação no Ministério de Cristo. Não podemos ser verdadeiros discípulos de Cristo, — acentou — senão pelo caminho da imolação que nos leva à ressurreição. Trazes pão e vinho, para se transformar no Corpo e Sangue de Cristo, que eu vos vou dar.

Depois acrescentou:

Sois portadores do tesouro da vida infinita de Deus. A Igreja é a herança que recebemos de Jesus Cristo. Por isso, servir a Igreja é servir Jesus Cristo, é operar na redenção humana. Por isso devemos servir a Igreja, de joelhos.

Sua Eminência dirigiu depois um apelo a todos os universitários

Segue na 5.ª pág., 1.ª col.

OS VOTOS FINAIS DO CONGRESSO

A Universidade Católica

apta, como nenhuma outra, a realizar a síntese de todos os objectos do saber

é uma necessidade instante, dos nossos tempos e do nosso País

O I Congresso Nacional da Juventude Universitária Católica, reunido na cidade de Lisboa, nos dias 15 a 19 de Abril de 1953, sob a alta presidência do Eminentíssimo Cardeal Patriarca, com o patrocínio do Venerando Episcopado Português, de S. Ex.ª o Ministro da Educação Nacional e dos reitores da Universidade e com a participação de professores e de cerca de 2.000 estudantes dos três centros universitários do País,

tendo presentes as grandes linhas do pensamento católico sobre a natureza e os fins da Universidade, tais como constam dos documentos do magistério e das actas e conclusões dos Congressos Internacionais de «Pax Romana».

considerando atentamente a história da mesma instituição, em particular os fins que se têm atribuído ao longo dos séculos, o papel que tem desempenhado no evoluir das sociedades e a sua posição em face da Igreja;

e depois de cuidadosa observação do estado presente da Universidade em Portugal, através de inquéritos adequados e do testemunho concorde de professores e alunos; ao concluir os seus trabalhos, proclama os princípios gerais e formula as orientações e os votos seguintes:

I — Princípios gerais

1 — A Universidade é uma instituição dedicada à preparação de futuros dirigentes da vida social, bem como à conservação, aprofundamento e irradiação do saber.

2 — No desempenho da sua missão, competem à Universidade as seguintes finalidades:

Segue na 5.ª pág., 4.ª col.



A mesa que presidiu à sessão de encerramento do Congresso, vendo-se em primeiro plano o Senhor Cardeal Patriarca de Lisboa e em último a presidente da J. U. C. F. lendo o seu discurso

O I CONGRESSO NACIONAL DA J. U. C.

Palavras do Senhor Cardeal Patriarca

Continuação da 1.ª página

purgo o escravo, surgiram multidões de escravos, com fardos fumegantes na mão, e incendiar o Mundo inteiro. Fissão de espírito e de corações humanos! Mas a Igreja, desde há dois milénios que é o refúgio dos maiores espíritos da Humanidade, que nela encontraram a resposta aos segredos escondidos da vida e a investigação científica, a toda a investigação filosófica.

Desde há dois mil anos, ela inspirou os céus mais belos, mais heróicos, mais santos que são a honra, que são a glória, que são o resgate da nossa espécie.

Há dois mil anos que ela canta com alegria maternal a inocência, canta a inocência pura, heróica, cega a idade adulta, triunfante do amor, triunfante da luta, triunfante da morte.

A Igreja canta, enche o Mundo de alegria, enche o Mundo de esperança. E certo que alguns cidadãos nos nossos dias têm que lhe tenha falhado a adaptação e a eficácia para os tempos modernos.

Actualidade! Eficácia! Queréis outra prova, sr. professores, senhoras e senhores, da actualidade e da eficácia da acção da Igreja, que esta bela e gloriosa mocidade?

Que é que ilumina de claridade, de pureza, de esperança e alegria os seus olhos? Digo eu a vós:

Quem é que vos ensinou o segredo do sentido da vossa vida? E a vida vale a pena viver-se?

Que é, no fim, senão colaboração com o Criador e com o Redentor, na obra da emancipação humana, na glorificação de Deus? Quem vos ensinou que o bem era bom, que o mal era mal e que, para realizar o bem é bom, é glorioso, é melhor dar a vida? Quem foi que vos ensinou a vós a dominar os países? Sei que são brônzes e o mundo foi que dividiram, quer separar-vos, quer escravizar-vos, rompendo esta harmonia que é toda a edificação do homem sobre os instantes dominados e elevados à realidade dum ordem maior, e ordem na verdade, a ordem na harmonia e a ordem na beleza, a ordem na bondade, esta outra realidade que só a consciência entrevê, que não vê o microscópio, que não mede a balança. Quem foi? Quem foi que vos ensinou a vós osseis e a caminhar no Mundo, triunfadores das forças incandescentes dos furiosos, cantando uma esperança de reconstrução, de libertação, de enobrecimento? Quem foi senão a Igreja?

Quêdes universitários católicos:

Eu devo terminar e queria dizer-vos agora palavras ardentes, palavras como aquelas línguas de fogo que caíram no Cenáculo, na manhã de Pentecostes, palavras que entrassem em vós, que vos inflammassem, que vos tornassem luminosos, para que fôsseis na nossa terra luzes de redenção.

Queria dizer-vos palavras assim, que vos transfigurassem à imagem d'Aquela cuja ideal vós aqui viesdes confessar. Ideal? Ideal? Sim! Mas nós, cristãos, podemos afirmar que o nosso ideal não é uma abstracção, não é uma aspiração generosa de coração ardente.

O nosso ideal é uma pessoa, o nosso ideal é uma realidade viva, o nosso ideal é Nosso Senhor Jesus Cristo, é o Homem-Deus, é Aquele em quem se realça a plenitude humana.

— Cristo, tirado à Igreja, é um Cristo morto, é um Cristo que não é criador, que não é redentor, que não é salvador.

Universitários católicos:

Levavi convosco Cristo, mas um Cristo vivo, e Cristo vivo em vós é Ele iluminando no fulgor da vossa inteligência; é Ele conquistando, no calor do vosso coração, calor que o Espírito Santo nele põe. Não sabeis vós que o Espírito Santo está no coração de todo o cristão que está em graça? Não sabeis vós que todo o cristão é um templo vivo de Deus? Não sabeis que a Santíssima Trindade habita no vosso peito?

Universitários católicos: Cristo vive em vós no fulgor da vossa lei, no calor do vosso coração, nesta redenção já operada na vida cristã que a mantém na verdade, na vida, no amor, que é uma vida na justiça, que é uma vida na beleza, que é uma vida na liberdade, liberdade de filhos de Deus, dominadores seguros do Universo. Tudo foi criado para nós, como ensinava, numa das suas meditações, Santo Inácio de Loyola, tudo foi criado para nós, filhos de Deus. Tomo o exemplo de uma vida assim cristã, que é já uma redenção. Foi já há anos; falava também a estudantes, em Coimbra, em lugar por onde me ficou tanto do coração, e lembro-me desta vez que tinha evocado um exemplo do pai do conde de Montalembert que era jovem como vós. Na sua frente, luz de inteligência, nos seus olhos, cântico de pureza, nas suas atitudes todo um testemunho da dignidade.

E naquele coração, um ardor como o vosso, de não guardar só para si o tesouro de luz, o tesouro de caridade, o tesouro da paz, o tesouro da bem-aventurança que ele trazia como católico.

O pai sentia o direito de irreverente respeito diante daquele filho. O pai era de outra época; era filho do século dezoito, do século crítico, do século frívolo, do século céptico, mas diante daquele rapaz, juventude em flor, juventude gloriosa, contava o biógrafo, que quando entrava no seu gabinete, sem querer o pai se levantava.

Sr. Professores, Srs. Arcebispos e Bispos, Senhoras e Senhores, convidei-vos também a levantar-vos, para saudar, para louvar, para aclamar, estes brônzes tantos numerosos, estes heróicos rapazes e raparigas católicos.

se estende a benéfica actividade dos universitários que católicos se confessam e a quem compete uma vasta obra da cristianização.

A terminar, disse que a Universidade não podia dispensar os bens morais dos que nela se movem, e que de todos os portugueses tem de partir o voto da criação da Universidade Católica, o que é simultaneamente uma obrigação e um dever. E concluiu: «Se o cristão se pode considerar um indivíduo com um acréscimo de dignidade tem igualmente que sentir-se com maior responsabilidade e dever. E é na maneira como transporta essa nova personalidade e dela faz irradiar os méritos da sua condição que o universitário católico realiza uma obra de apostolado em todo digna dos agradecimentos e louvores da Igreja, da Universidade e da Nação».

O orador foi muito cumprimentado.

O sr. Doutor Costa Pimpão, ao fazer, em seguida, o elogio da tese, afirmou que o Congresso ficaria como uma grande afirmação da consciência universitária católica, pois rasgava um traço de luz na vida nacional. Terminou, pedindo uma saudação especial para «os jovens de anos e jovens de almas» que colaboraram em tão grande manifestação de espiritualidade.

Devido ao adiantado da hora, e porque estava a chegar Sua Eminência o Senhor Cardeal Patriarca, não foi possível proceder-se à leitura de diversas comunicações, entre as quais, uma da autoria do sr. Dr. Luís Archer, intitulada: «O papel da Filosofia entre a especialização científica e a síntese universitária».

che em face de Deus e dos homens. O universitário tem que rejeitar toda a transigência no estudo, tem que coar de vez com todos os processos pouco legítimos de vencer dificuldades, tem que se ultrapassar a si mesmo no esforço diligente da busca da síntese superior do pensamento. Só na medida em que o universitário português passar a viver uma vida nova terá herdado uma Universidade Nova.

E concluiu: «O nosso Congresso está no fim. Quisemos estar presentes, servir à Igreja. Quisemos estar presentes no pensamento pela afirmação dos princípios externos, pelo estudo dos problemas básicos da Universidade, pela análise rigorosa da actual situação da Universidade Portuguesa. Quisemos servir à Igreja pela total submissão à doutrina de Cristo e do seu vigário na terra, pela inteira subordinação de todos os nossos trabalhos ao único desejo de glória de Deus e do alargamento do Seu Reino na terra.

Estamos convencidos de que com

a ajuda de Deus cumprimos um e outro dos imperativos a que nos obrigamos:

Estar presentes — Servir à Igreja.

E para terminar proponho a aprovação de todos os congressistas o voto de que dentro de 5 anos a J. U. C. e a J. U. C. F. realizem o seu II Congresso Nacional».

Seguidamente, entre muitas palmas, o sr. Neves e Castro leu as conclusões a votos do Congresso, a que já nos referimos.

Finalmente, muito ovacionado, Sua Eminência proferiu um brilhante discurso, que noutro local publicamos, e que a assistência, no final, sublinhou com prolongadas salva de palmas.

Por último, todos os presentes cantaram o Hino da Acção Católica, com que foi encerrada a brilhante sessão.

* * *

Os congressistas do Porto e de Coimbra desaxaram Lisboa, às 20,35, utilizando um comboio especial.

OS VOTOS FINAIS DO CONGRESSO

(Continuação da 1.ª página)

a) desenvolver a personalidade intelectual dos estudantes;

b) formar nos universitários o sentido de responsabilidade, em relação simultaneamente a si próprio, aos outros e a Deus;

c) fornecer aos jovens que irão de conduzir a sociedade os fundamentos de uma cultura superior, que lhes abra o espírito ao desejo da verdade e a uma visão ordenada e unitária do Universo;

d) criar uma mentalidade científica, apoiada em sólidos hábitos de reflexão crítica e de trabalho, que lhes abra o espírito ao desejo da verdade e a uma visão ordenada e unitária do Universo;

e) estudar as necessidades actuais do País e procurar-lhes as soluções tecnicamente mais adequadas e doutrinariamente mais sãs;

f) ser foco irradiante de valores culturais autênticos e de novas directivas de vida para os homens;

g) contribuir decisivamente para a eliminação das diferenciações sociais injustas, adoptando a própria e propondo à comunidade a que pertença valores, que não se baseiem em considerações de ordem económica ou em razões de classe;

h) trabalhar pela aproximação entre os povos, tornando a cultura uma acção profunda que é chamada a desempenhar no campo internacional, através do intercâmbio para o progresso da ciência e da expansão dos mais altos princípios da cultura.

10 — A Igreja tem o direito próprio e inviolável de ensinar, não só matérias eclesiológicas, mas, como diz o Código de Direito Canónico (can. 1375.º), todo o género de disciplinas em todos os graus da cultura. Em consequência, assiste-lhe a liberdade de fundar e manter escolas próprias, inclusive universitárias, ainda que para o ensino de ciências puramente profanas.

11 — Não obstante a existência de escolas superiores próprias da Igreja, esta não pode desinteressar-se jamais da formação de um pessoal científico e técnico, que frequentam a Universidade laica, o que torna indispensável a sua presença efectiva em toda a vida da instituição universitária.

12 — A Universidade Católica, apoiada no Sumo Pontífice, a realizar a síntese de todos os objectos do saber (...) até ao fecho da abóboda do edifício, acima mesmo de toda a ordem natural e a construir um quadro de um ambiente de cultura apelativa e profundamente católica (Pio XII), é uma necessidade urgente dos nossos tempos e do nosso País.

13 — As relações entre a Universidade e a Igreja devem favorecer-se o melhor e o mais rapidamente possível, em virtude das benéficas consequências mútuas que daí resultam. Para um melhor entendimento deve fornecer à Igreja, na frase de Pio XII, a base sólida de conhecimentos profanos.

14 — A instituição de um grupo de disciplinas culturais, intelectuais e científicas, em todas as Faculdades e entre as quais a Filosofia ocupa o primeiro lugar, é condição necessária para a realização dos fins da Universidade.

15 — Não há inconveniente, mas vantagem, em reduzir a chamada cultura geral científica, suprimindo certas cadeiras, cujo papel no respectivo plano de curso é discutível, em favor da criação de autênticas cadeiras de cultura.

16 — Em cada Escola Superior devem existir estudos ou cadeiras de síntese, em especial nos anos mais adiantados dos vários cursos.

17 — Constitui obrigação de cada Faculdade, universitária ou não, proporcionar a formação cultural dos seus alunos, para isso cumprir-lhe atender com cuidado especial aos capítulos da sua matéria com maiores implicações culturais (designadamente a História e a Metodologia da Filosofia de cada Ciência), orientando nesse sentido os programas, bibliografias, lições e conversas com os estudantes, bem como as provas que a estes exigem.

18 — A criação nas diversas Faculdades de novos cursos da respectiva especialidade sobre temas de ressonância cultural e abordados a partir de ângulos de visão com feição vincadamente formativa, cursos que seriam frequentados pelos estudantes das Superiores, poderia constituir elemento decisivo para a modificação do panorama cultural do universitário português.

19 — Não podem conseguir-se por completo os fins de educação universitária sem que os estudantes desempenhem um papel assentado em acção activa, quer através de um contínuo esforço de aperfeiçoamento pessoal, quer através de realizações comunitárias.

20 — A Universidade não pode ficar indiferente perante os prejuízos que à cultura dos estudantes ocasiona actualmente o ensino secundário, cabendo-lhe desenvolver os estudos pedagógicos e cuidar da selecção e preparação dos professores do mesmo ensino.

21 — Toda a actividade cultural universitária só adquire valor autênticamente humano quando se integra numa concepção criativa do Mundo e do Homem. Compete aos católicos das Universidades neutras o sentido e o espírito que lhes falta a criar as condições que tornem possível o abandono definitivo da sua neutralidade.

O Cardeal Patriarca presidiu à sessão de encerramento que teve excepcional brilho

As 17,30, realizou-se a sessão solene de encerramento, sob a presidência do Senhor Cardeal Patriarca, que foi recebido por uma guarda de honra de estudantes, de capa e batina, e pelos Prelados presentes e dirigentes da Acção Católica. Na mesa de honra, à direita de Sua Eminência, sentaram-se Sua Exa. Revma. o Senhor Arcebispo de Milene, Prof. Eng. Bernard da Fonseca, Dr. Adérito Nunes e D. Maria Gilda Silva Nunes; e à esquerda, Bernard Ducret, D. Maria de Lurdes Pintasilgo, Paulo Marques e rev. Dr. Maurício dos Santos.

Aberta a sessão, o sr. Dr. Adérito Nunes, presidente do Congresso, pronunciou um breve discurso de saudação aos congressistas, destacando, em especial, as representações espanhola, francesa, e paraguaiense e o sr. Bernard Ducret, representante da Pax Romana.

O sr. Bernard Ducret agradeceu, em nome da Pax Romana, o bom trabalho realizado pelo Congresso, cujas conclusões, mesmo que não chegassem a concretizar-se, representam um contributo de valor para o desenvolvimento do espírito internacional dos universitários católicos. Agradeceu, também, a consideração e a amizade patenteadas durante o Congresso pelos universitários católicos de todo o Mundo.

II — Orientações e votos

Formação cultural

1 — A instituição de um grupo de disciplinas culturais, intelectuais e científicas, em todas as Faculdades e entre as quais a Filosofia ocupa o primeiro lugar, é condição necessária para a realização dos fins da Universidade.

2 — Não há inconveniente, mas vantagem, em reduzir a chamada cultura geral científica, suprimindo certas cadeiras, cujo papel no respectivo plano de curso é discutível, em favor da criação de autênticas cadeiras de cultura.

3 — Em cada Escola Superior devem existir estudos ou cadeiras de síntese, em especial nos anos mais adiantados dos vários cursos.

4 — Constitui obrigação de cada Faculdade, universitária ou não, proporcionar a formação cultural dos seus alunos, para isso cumprir-lhe atender com cuidado especial aos capítulos da sua matéria com maiores implicações culturais (designadamente a História e a Metodologia da Filosofia de cada Ciência), orientando nesse sentido os programas, bibliografias, lições e conversas com os estudantes, bem como as provas que a estes exigem.

5 — A criação nas diversas Faculdades de novos cursos da respectiva especialidade sobre temas de ressonância cultural e abordados a partir de ângulos de visão com feição vincadamente formativa, cursos que seriam frequentados pelos estudantes das Superiores, poderia constituir elemento decisivo para a modificação do panorama cultural do universitário português.

6 — Não podem conseguir-se por completo os fins de educação universitária sem que os estudantes desempenhem um papel assentado em acção activa, quer através de um contínuo esforço de aperfeiçoamento pessoal, quer através de realizações comunitárias.

7 — A Universidade não pode ficar indiferente perante os prejuízos que à cultura dos estudantes ocasiona actualmente o ensino secundário, cabendo-lhe desenvolver os estudos pedagógicos e cuidar da selecção e preparação dos professores do mesmo ensino.

8 — Toda a actividade cultural universitária só adquire valor autênticamente humano quando se integra numa concepção criativa do Mundo e do Homem. Compete aos católicos das Universidades neutras o sentido e o espírito que lhes falta a criar as condições que tornem possível o abandono definitivo da sua neutralidade.

A presidente-geral do J. U. C. F. pronunciou um notável discurso sobre «O Congresso e a renovação da Universidade»

A sr. D. Maria de Lurdes Pintasilgo, presidente-geral da J. U. C. F. e do Congresso, pronunciou, em seguida, um discurso subordinado ao título: «O Congresso e a renovação da Universidade», que a assistência escudou com grande entusiasmo, manifestado, por diversas vezes, com prolongadas salva de palmas.

A ilustre senhora começou por dizer que, chegados ao fim, os congressistas ofereciam a Deus a hora feliz de acção de graças, pois só a presença viva, inteira, de Deus assegurava a todos as reuniões e a todos os actos do Congresso o nível e a seriedade com que tinham decorrido.

Salientou que não teria podido realizar o Congresso tal como decorreu sem a muito carinhosa assistência do Venerando Episcopado Português; o seu auxílio, a sua benevolência, o seu conselho, o seu interesse pelos trabalhos foram, mais do que um estímulo, um factor insubstituível e essencial de triunfo. Grande foi também a alegria por verem muitos mestres seguirem, ajudarem, participarem dos trabalhos.

E continuou:

O Congresso é o ponto de partida para uma construção do futuro. Não podemos que nos na contemplação da vida do que se fez comemorando a mais bela festa no calendário e, ao mesmo tempo, voltarmos a spatia de que fomos arrancados por uns dias.

O Congresso não marca o fecho de uma série de trabalhos; antes vem despertar-nos para a grande tarefa que hoje começa.

Poderia dizer-se que é neste momento em que o Congresso parece apagar que ele na realidade está principiado. Porque é neste momento que formamos consciência total das nossas responsabilidades, que vimos claramente definido o perfil ideal da Universidade, que publicamente nos demos conta de quanto há a fazer e nos cabe a nós realizar. Muito pouco teria conseguido o Congresso se não fossemos plenamente conscientes dos nossos trabalhos decorrerem bem e cada um de nós pôde dar livre vazão às magoas que a vida universitária lhe trouxe.

O que podemos ler aqui, se somos conscientes da grandeza das proibições e da urgência da sua resolução é uma imensa insatisfação, uma inquietude no corrente sentir da realidade com o panorama ideal que daqui se delineou.

Falando dos deveres dos universitários declarou:

O estudante não deve apenas actuar como estímulo de exemplo. Deve ser, próprio, um exemplo. Exemplo no nível do seu estado, na seriedade da sua preparação profissional, na largueza e equidade do seu entendimento cultural, na profundidade da formação teórica da sua personalidade. Exemplo no esquema da sua vida, pura, generosa, simples, leal, a vida de um verdadeiro intelectual, consciente da responsabilidade que lhe

Na última reunião plenária de trabalhos

o sr. Prof. Dr. Augusto Vaz Serra

apresentou uma tese sobre «A Universidade e a Igreja»

As 16 horas, na sala de máquinas do Instituto Superior Técnico, realizou-se a quinta e última reunião plenária de trabalhos, sob a presidência do sr. Prof. Dr. Augusto Vaz Serra. A enorme sala estava repleta, (mais de duas mil pessoas), vendo-se, entre a assistência, Sua Excelência Reverendíssima os Senhores Arcebispo-Bispo de Coimbra, Arcebispo de Milene e de Cizico e Bispo do Porto; eng. Carlos Alves, presidente da Liga dos Homens Católicos; Bernard Ducret, secretário-geral da Pax Romana; muitos professores de todas as Universidades, dirigentes da Acção Católica, membros do Clero, etc.

A sessão abriu com a invocação do Espírito Santo, seguida da leitura do expediente, entre o qual, a resposta do Chefe do Estado ao telegrama, que o Congresso lhe enviara; uma saudação, em pergaminho dirigida ao Congresso pela Direcção Nacional da Juventude Católica e Direcções-Gerais da J. A. C. J. E. C. J. I. C. e J. O. C.; um telegrama de Sua Exa. Revma. o Senhor Bispo de Lamego e uma carta da Juventude Católica Brasileira.

Seguidamente, o sr. Prof. Dr. Costa Pimpão fez a apresentação do sr. Prof. Dr. Augusto Vaz Serra, catadrático, eminente e escritor católico que tem brindado a Juventude Universitária Católica com brilhantíssimas lições.

Na sua judiciosa tese, o sr. Prof. Dr. Augusto Vaz Serra, a quem a assistência tributou fartos aplausos, esboçou o panorama do mundo contemporâneo que traz como consequência a perda de ideia de tradição, fé, família, passado, individualidade e consciência. Depois, dividiu o seu trabalho em três partes, nas quais, respectivamente, procurou responder às perguntas sobre o significado de Universidade, Igreja, e relação entre a Universidade e a Igreja.

Sobre o conceito da Universidade, deve-se, principalmente, sobre a Universidade moderna e os seus deveres de instrução e educação. Perante a onda insotável de novos conhecimentos, a Universidade — acrescentou — cada vez abandona mais a

Vida institucional da Universidade

23 — Ponderada a missão essencial que na sociedade incumbe à mulher, entende-se que deve haver no ensino secundário uma formação particularmente intensa das estudantes em quem dem a problema vocacional e a uma selecção e orientação criteriosa das futuras universitárias.

24 — Para o estabelecimento de verdadeira comunidade universitária não deve esperar-se tudo de uma simples reforma das estruturas legais. Importa, previamente, que os diversos elementos próprios das Universidades, Clássica e Técnica; e que, pelo mesmo, o Curso de Arquitectura das Escolas de Belas-Artes seja integrado na Universidade.

25 — Na sua forma actual, a Universidade não é mais que uma instituição masculina em que a mulher pode entrar livremente. Pede-se que ela seja transformada em instituição plenamente humana, atendendo-se, na criação de cursos, programas e horários às exigências psíquicas e fisiológicas da mulher e à particular natureza das tarefas para que a Universidade deve preparar.

26 — O problema da habitação dos estudantes deve ser considerado fundamental na vida universitária e assume entre nós uma acuidade que impõe a procura imediata de soluções. Para o resolver, é necessário não só olhar criteriosamente ao condicionamento físico das instalações universitárias, como sobretudo, não esquecer tratar-se de um assunto, que ultrapassa o âmbito das instalações materiais e se projecta no domínio da própria vida espiritual e moral dos estudantes.

27 — Convém acentuar as magníficas possibilidades que, neste aspecto, como noutros, os Colégios Universitários possuem, e cuja experiência tem dado os mais felizes resultados, em que os adoptaram, pedindo que, em virtude da sua elevada função educativa, sejam dadas facilidades para o seu estabelecimento.

28 — Considera-se o desporto indispensável à educação integral do universitário, sendo quase exclusivamente as organizações de estudantes que o promovem. Cumpre que as autoridades competentes auxiliem decididamente a criar as condições necessárias para a educação física dos estudantes, como sejam instalações, técnicos orientadores e disponibilidades de tempo.

Problemas de estudo

16 — Dado que o fulcro da vida universitária não é o ensino, mas a aprendizagem, a organização pedagógica deve centrar-se no aluno; daí a necessidade de personalizar os cursos, dando aos alunos, convenientemente orientados, uma certa liberdade na conformação dos seus estudos, com a faculdade de não coligir, ou não coligir, as matérias que, agregadas ao núcleo das disciplinas obrigatórias, constituíam o seu curso pessoal; e de permitir que os alunos colaborem nas decisões que directamente afectam os seus interesses académicos, designadamente quanto à elaboração de horários, pautas de exames, regulamentos dos serviços, etc.

17 — Reconhece-se a necessidade do exame de admissão, indispensável para seleccionar os candidatos à Universidade. Importa, porém, que de mera verificação de escolaridade, ele se transforme em elemento que permita a aferir com segurança a preparação universitária dos candidatos.

18 — É insuficiente o ensino baseado quase exclusivamente em preleções magistrais. Urge um sério esforço destinado a renovar os métodos de ensino universitário, pela estruturação de novos métodos de aulas teóricas e práticas, de modo a conseguir-se um contacto frequente e proveitoso entre professores e alunos.

19 — A Universidade deve ser acessível a todos os jovens com aptidões para cursar o ensino superior, independentemente das suas disponibilidades financeiras. O meio normal de realizar este objectivo é a atribuição de bolsas e outros subsídios a estudantes.

20 — O regime das bolsas universitárias deve obedecer aos seguintes princípios: 1.º — adequação do valor das bolsas às condições económicas individuais, tais como despesas com alojamento, alimentação e transporte entre a localidade de origem e a cidade onde os estudantes frequentam os seus cursos; 2.º — revisão periódica do seu número, o qual deve ir aumentando.

21 — Como a situação económica do País não permite aumentar de modo suficiente o número de bolsas oficiais, deve esse regime ser completado por outras medidas, entre as quais se destacam e recomendam a criação de bolsas de estudo, em benefício de alunos mais necessitados e com um mínimo de aproveitamento escolar.

Problemas profissionais

9 — O problema da orientação profissional pré-universitária é de interesse primordial para a Universidade, a qual deve colaborar estreitamente com as escolas de grau médio e os institutos de orientação profissional na sua organização. Compete em especial às organizações universitárias de estudantes procurar tornar conhecidas dos alunos do ensino médio as condições em que se desenvolve o ensino superior.

10 — Pode dizer-se que existe problema de orientação profissional em quanto o universitário não escolheu a sua carreira definitiva. Dentro da Universidade, cumpre essencialmente aos professores orientar os discípulos para os cursos e para as actividades que lhes são próprias, mas a tarefa de reconhecê-las, mais afeita ao universitário, deveria poder contar com o auxílio de instituições que, estabelecendo a ligação entre a Profissão e a Escola, facilitassem a colocação dos diplomados e permitissem as várias actividades profissionais em condições das melhores valéres.

11 — O ensino especificamente profissional, embora supondo no estudante o desenvolvimento intelectual, que lhe vem do contacto com os métodos e técnicas da investigação, deve procurar extrair da Ciência apenas as bases teóricas indispensáveis a uma sólida preparação para o exercício das profissões.

12 — É indispensável ao universitário a experiência prática da profissão. Importa sobretudo, sem desprezo de outras medidas oportunas, generalizar e aperfeiçoar o regime dos estágios, procurando que estes representem uma efectiva inserção na vida profissional, sem aliás perder o carácter de elemento integrante do próprio curso, isto exige a colaboração de professores, que sendo simultaneamente bons pedagogos e especialistas, sejam capazes de tanto em que

Universidade e a Igreja

30 — É indispensável criar em Portugal uma Universidade Católica, com as Faculdades e Institutos que hierarquia houver, pois bem consideramos necessários à defesa e ao desenvolvimento da cultura superior católica, que entre nós está longe de atingir a altura requerida pelas tradições cristãs do nosso País e pelas graves exigências da sociedade contemporânea. (Demorados aplausos se fizeram ouvir depois da leitura deste voto).

31 — Independentemente da criação da Universidade Católica, urge pôr termo à absoluta ausência de ensino religioso nas Universidades do Estado; quer pelo estabelecimento de cadeiras apropriadas sob a responsabilidade e direcção da Igreja, quer pelo apostolado dos intelectuais católicos, mestres e alunos.

32 — Compete aos Organismos Universitários da Acção Católica desenvolver nos seus filiações a consciência de que é sobretudo pela sua actividade esclarecida e perseverante que se afirmam as condições necessárias à presença da Igreja e do pensamento católico.

33 — De um modo especial, propõe-se a introdução imediata nos cursos profissionais nas Faculdades de Direito de uma cadeira de Direito Eclesiológico.

34 — VOTO FINAL — A partir dos princípios gerais, orientações e votos anteriormente expressos, bem como de todos os trabalhos do Congresso, devem as Direcções-Gerais da J. U. C. e da J. U. C. F. elaborar, no mais breve espaço de tempo, as «BASES CRISTÃS DE UMA UNIVERSIDADE NOVA» a apresentar ao Governo da Nação e às autoridades universitárias. Novas orações entusiásticas e muitas palmas coroaram a leitura dos votos em sinal de aprovação unânime.

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

APRESENTAÇÃO

22 — Pelo exemplo de uma vida institucional impecável e pela elevação e nobreza da função crítica que continuamente exerce sobre a vida da comunidade nacional, a Universidade

"A Voz"
(20-4-53)



Fundação Cuidar o Futuro